

FIESP se aproximará do Congresso

por Fernando Canzian
de São Paulo

Passado o primeiro turno da eleição para presidente da República, os empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) pretendem empenhar-se agora em uma maior aproximação da entidade com os representantes do Congresso Nacional

e das diversas áreas políticas no País. Essa aproximação foi um dos temas da reunião da diretoria executiva da FIESP, realizada no final da tarde de ontem.

"Estamos tendo eleição para presidente este ano e teremos um novo pleito no próximo ano para o Congresso e governos estaduais. Precisamos nos aproximar desse as-

sunto, mesmo porque alguns dos empresários da casa têm interesse em disputar cargos políticos brevemente", disse o primeiro-vice-presidente da FIESP, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, que garante que o interesse dessa aproximação nada tem a ver com o resultado do primeiro turno da eleição.

rou, após a reunião, os principais fatores que os levaram a apoiar Fernando Collor de Mello. Segundo esses empresários, o plano econômico de Collor é o que melhor afina com as aspirações da iniciativa privada.

Amato, Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio, Paulo Queiroz, presidente do Sindicato dos Bancos no Estado e Dario Ferraz, presidente da Federação das Empresas de Transporte Ferroviário chegaram a contar suas experiências empresariais para justificar o apoio ao candidato do PRN.

"Comecei a trabalhar aos 13 anos como entregador de cartas, e hoje tenho 15 mil funcionários e funciona, nas minhas empresas, a harmonia entre o capital e o trabalho, e o Collor é quem melhor compartilha desta posição", disse Amato. Szajman, Queiroz e Ferraz seguiram a mesma linha.

Flávio Telles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira, disse que não votará em Luiz Inácio Lula da Silva pelo fato de temer a desapropriação de terras produtivas na reforma agrária que o candidato quer implantar.

Os presidentes da Asso-

ciação Comercial, Romeu Trussardi Filho e da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, também declararam apoio a Collor no segundo turno. Eles, no entanto, cobraram, tanto de Collor como de Lula, um esclarecimento maior de seus programas econômicos.